



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



Representação e visualidade: a fotografia como forma do existir e a presença dos coletivos de fotógrafas negras nas periferias do Nordeste¹

Emanuele de Freitas Bazílio²

Daniel Meirinho³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO

Pretende-se analisar a presença e o fazer político dos coletivos de fotógrafas negras das periferias do Nordeste, com o intuito de compreender os usos e reproduções políticas, sociais e culturais das fotografias produzidas por eles. Fundamenta-se este estudo a partir dos conceitos de: política das imagens, seus usos e representações, decolonialidade imagética, visualidade, negritude, aquilombamento, periferia, regimes estéticos e redes sociais. Diante disso, este estudo revela que a fotografia contemporânea, a partir da utilização da imagem produzida pelos coletivos de fotógrafas negras, surge como uma forma de existência na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: imagem; periferia; negritude; decolonialidade e representação.

INTRODUÇÃO

A possibilidade de criação, apropriação e compartilhamento de imagens cresceu expressivamente nos últimos anos. Elas estão disponíveis na internet, se multiplicam a cada dia e assumem muitas funções, as fotografias de periferias, por exemplo, são instrumentos de luta dentro de uma produção decolonial que foge do retratado pela mídia tradicional. Essas imagens, produzidas pelos fotógrafos de comunidades, não apenas povoam o imaginário social, mas denunciam a desigualdade social, as violências, o racismo e a negação de direitos, se tornam objetos de experimentação, fazendo com que a sociedade possa vivenciar essas realidades periféricas de suas próprias residências.

¹ Trabalho apresentado no GT “Fotografia Contemporânea”.



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



Dessa forma, as realidades representadas nessas imagens constroem formas visuais de participação, denúncia e luta, a partir das suas publicações nas mídias digitais, partem de uma comunicação decolonial e alternativa para a divulgação em rede do cotidiano das pessoas e suas comunidades, como é o caso das contas no Instagram dos coletivos de fotografia negra no país, como o Favelagrafia (@favelagrafia), por exemplo, e do fotógrafo Bruno Itan (@brunoitan), ambos do Sudeste do Brasil.

O dia a dia das comunidades, seu cotidiano, cultura, conflitos e desigualdades, são retratadas a partir da prática fotográfica como ativismo, ou pode-se dizer fotoativismo. Com suas câmeras, eles fazem das imagens ferramentas de luta e protesto, tornando o fotografar um ato político e conferindo-o um caráter ativista (Ritchin, 2009). No entanto, há um espaço ainda não preenchido na academia quanto a representação desse fotoativismo relacionado a fotografia praticada enquanto ato decolonial, em comunidades e periferias nordestinas por coletivos de fotógrafes negres².

As imagens frutos desse ativismo – que também se enquadra enquanto arte e, por isso, poderia ser nomeado como ativismo, conceito construído a partir das relações entre a arte e a vida, onde o fotógrafo/artista visual expressa suas visões sobre questões políticas e sociais do seu cotidiano – estão carregadas de fazer político, saem da esfera da produção, reprodução e compartilhamento de cenas cotidianas e tornam-se reflexões sociais sobre temas diversos, como desigualdade social, racismo, violência policial e institucional etc., campos que atravessam este estudo. Elas retratam o dia-a-dia e a realidade das comunidades em busca de direitos e representação. A partir dos pontos apresentados até aqui, propõe-se responder à seguinte problemática: como os coletivos de fotógrafes negres do Nordeste têm usado o fotoativismo, uma prática decolonial, tornando as imagens de comunidades periféricas objetos de luta, fontes de denúncia visual e ativismo político através da rede social

² A utilização do pronome neutro neste estudo se dá por um posicionamento político diante da invisibilização das mulheres fotógrafas que compõem esses coletivos.



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



Instagram? Com isso, pretende-se investigar como se dá o fotoativismo nos coletivos de fotografia, enquanto prática que contribui para um novo regime visual e potência política das imagens, as quais tem seus usos e representações ressignificados, transformando a periferia e a fotografia produzida por negros e negras em formas de existência nas redes sociais e na sociedade.

A potência da imagem dos Coletivos de Fotógrafos Negros

A sociedade e seus dispositivos sociais, narcisistas como diria Grada Kilomba (2017), fixam em suas próprias imagens - reflexo de uma construção da branquitude patriarcal - o lugar do normal, tornando todas as outras representações sociais, que diferem de sua filosofia narcisista, invisíveis socialmente. Assim, pessoas negras como eu, seguem rodeadas de imagens que não nos espelham, de corpos que não nos representam. Essa visualidade branca, colonial e narcisista, é a quebra da representação social que vemos nos espaços de coletividade, conforme confronta Kilomba (2017, p. 15): (...) é uma ruptura óptica, pois as imagens que eu vejo, não refletem a sociedade em que eu vivo (...).

Esse incômodo que persegue a mim e a tantas outras existências negras e racializadas, é fruto de uma visualidade que se impõe a partir da estética da colonização. A artista interdisciplinar e estudiosa Jota Mombaça, aponta para essa não-representação que atinge tantos corpos marginalizados socialmente, quando diz não se ver em absolutamente nada, o que ela encontra pelo caminho são os mesmos símbolos da visualidade que são impostos aos povos racializados: “espelhos brancos e penduricalhos”. Nessa construção visual, não há acertos para a dívida social que a branquitude tem conosco, uma dívida impagável, conforme defende Mombaça (2021) quando referencia a filósofa e artista visual Denise Ferreira da Silva.

A busca pela dominação da imagem é antiga, vem desde antes da invenção da fotografia (Kossoy, 2001; Dilg, 2016). Essa obsessão por registrar e dominar a imagem se estendeu aos povos racializados, em todo o mundo.



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



Assim, a imagem antes objeto de desejo da branquitude, transformou-se em arma colonizadora. No período colonial, quando eram retratados nas fotografias, negros e negras assumiam papéis de servidão, trabalho e exploração, alguns com trajes organizados, porém sem sapatos (Figura 1) para reforçar o lugar de submissão e animalidade que ocupavam (Kossoy; Carneiro, 2002; Oliveira; Luz, 2019).

Figura 1 - Bahia, 1860. Mulher branca e dois escravizados.



Fonte:Acervo Instituto Moreira Salles

O papel desenvolvido pelas imagens coloniais foi o de criar, construir e reforçar o imaginário social racista da colonização, em que os brancos possuíam status de poder, enquanto os negros figuravam a subalternização que lhes foi imposta violentamente. Nessas imagens, como aponta José de Souza Martins (2019), a fotografia é utilizada para além da documentação, é a representação da memória, e expõe a diferença dos valores, concepções e regras da sociedade, que estão ocultas no quadro fotográfico. Essa estética colonial, que posiciona o negro como objeto perpetuou-se por muito tempo, diante disso, poucas foram as representações do negro enquanto sujeito (Martins, 2019).

No Brasil, o empenho em fortalecer o imaginário social da branquitude, hegemônico e europeizado, perdura até os dias atuais, reforçando as bases do



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



racismo estrutural e da discriminação racial através da imagem e da visualidade. Mesmo depois do fim da escravização, os escravizados ainda seguiram sendo representados na fotografia por ideias excludentes, racistas e discriminatórias. O corpo negro aparece sendo exotizado, criminalizado e animalizado em fotografias de jornais e revistas brasileiras.

A fotografia enquanto imagem tecnológica, dentro desse contexto, assumiu a função ideológica imperial de documentar e surge para reforçar as bases desse imperialismo e racismo da colonialidade (Azoulay, 2021). A respeito disso, Neusa Santos Souza (2021, p. 46) afirma que: “Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas”, acrescentaria: é ter roubada e ressignificada sua própria existência através de um olhar que violenta indivíduos.

Por muito tempo “(...) o negro tomou o branco como modelo de identificação, como única possibilidade de tornar-se gente” (Souza, 2021, p. 46), em vista disso, buscou-se a aproximação com o padrão hegemônico, com a estética branca e colonial. Esse lugar em que os negros, indígenas e outros povos explorados foram colocados, destinado à marginalização, violência e objetificação dos seus corpos pelos povos brancos durante a colonização e escravização, foi reforçado pela representação desses sujeitos na fotografia analógica (Kossoy; Carneiro, 2002; Kossoy, 2016; Martins, 2019; Oliveira; Luz; 2019). A imagem atuou, dessa forma, para reforçar as estruturas e ideias racistas da colonização em todo o mundo.

E é justamente nessa necessidade de autoafirmação que a negritude têm traçado novas rotas de representação (Hall, 2016) – que são segundo o autor formas de produção de sentido acerca de sua própria cultura, um giro estético decolonial, propondo uma estética que conecta e reconecta o eu negro consigo mesmo, com suas ideias, questões e modos de ser (Maldonado-Torres, 2020). Diante disso, observamos que a produção imagética artística e cultural do povo negro, desde que eles tomaram para si os dispositivos de captura como



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



possibilidade de representação, sempre buscou fundamentar-se em seus próprios referenciais, reforçando o ideal de pertencimento, às suas origens e levando em conta a ancestralidade como manutenção de uma memória e existência enquanto povo (Souto, 2020; Hall, 2006).

Nesse espaço de confluência entre imagem e decolonialidade criamos, através de movimentos – como os coletivos de fotógrafes negres das periferias do Nordeste, campo empírico desta pesquisa – a possibilidade de uma representação dos/ povos negros a partir de suas próprias vivências, experiências, arte, cultura e história como forma de resistência à opressão e a negação de suas negritudes impostas pela colonialidade. Esses coletivos, contribuem para o fortalecimento de uma estética decolonial e da representação positiva (Rodrigues, 2020) dos indivíduos negros na sociedade, a partir do lugar em que vivem e das práticas políticas e artísticas presentes nos seus cotidianos, fortalecendo a identidade das periferias a partir de uma negritude resgatada de suas origens históricas e culturais, contribuindo para uma representação que permite autonomia para tornar-se negro e ocupar os espaços sociais (Souza, 2021).

Possibilitando, como defende Maldonado-Torres (2020, p. 48), “a emergência de visões do eu, dos outros e do mundo que desafiam os conceitos de modernidade/colonialidade”. Para Mendes Guilherme (2022, p. 154), esse movimento de “de(s)colonização das imagens”, não deve estar direcionado apenas às mídias (o que a autora chama de telas), neste caso a imagem fotográfica, mas relaciona-se a tudo que envolve e é envolvido pela linguagem. Maldonado-Torres (2020, p. 49) afirma que “o pensamento e a criatividade não podem por si só mudar o mundo”, assim é preciso utilizá-los como estratégias para descolonizar o poder, o saber e o ser. É nesse momento que o condenado emerge como um agente de mudança social (Maldonado-Torres, 2020).

“Mas um condenado sozinho não pode ir muito longe” (Maldonado-Torres, 2020, p. 50). Dessa forma, as imagens produzidas pelos coletivos negres de fotografia das periferias do Brasil surgem justamente da emergência desses



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



condenados e de sua união, em coletivo eles questionam, criam e desmontam a lógica racista e discriminatória da modernidade decolonial que materializa a negritude com o olhar branco da colonialidade (Maldonado-Torres, 2020; Mombaça, 2021). A decolonialidade é um projeto de salvação coletiva, que procura construir mundos seguros para nossa existência. Essa união da negritude, neste estudo representados pelos coletivos de fotografias, através de suas comunidades e de práticas de insurgências (Kilomba, 2019), têm perturbado e desestabilizado a colonialidade (Maldonado-Torres, 2020), a fim de mudar o mundo e criar uma estética própria que age como objeto de resistência e de elaboração de conhecimento (Bernardino-Costa, 2020), é uma estratégia política que envolve muitos e reafirma a negritude, colocando-a fora da zona de não-existência e de não-humanidade, criada e reforçada pela colonialidade ao longo da história.

O olhar negro sobre os corpos negros

Grada Kilomba (2019) nos provoca a pensar sobre a margem (periferia) e o centro, seguindo o pensamento da autora Bell Hooks, que defende a ideia de que o pertencer à margem nos posiciona como parte do todo, mas também nos coloca fora do eixo principal. É nesse momento em que a margem se torna um lugar de resistência e insurgência, quando os indivíduos nela inseridos assumem coletivamente a potência de sua luta, arte e cultura como forma de resistência à opressão (Kilomba, 2019; Souto, 2020). Diante da história dos povos negros escravizados, a identidade cultural negra tem sido vítima de rupturas, estigmas e estereótipos, têm sido colocada às margens em muitos aspectos sociais - cultura, território, entre outros.

É justamente nesse lugar, que a periferia encontra, a partir do resgate e da reafirmação da sua identidade cultural (Figura 2), espaço e oportunidades de combater a discriminação e o preconceito racial a partir da criação de contranarrativas (Souto, 2020) e de estratégias do aquilombamento (Nascimento, 1985; Souto, 2020; Meirinho, 2021; Veloso e Andrade, 2021),



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



como a desterritorialização. Ou seja, faz-se um movimento de ocupação de novos espaços como forma de resistência à opressão sofrida pela mídia e pela sociedade de uma forma geral.

Figura 2 - Potência das Favelas (projeto do coletivo Favelagrafia)



Fonte: Instagram do Favelagrafia

Neste sentido, a desterritorialização, proposta também pelo ideal de quilombo - que na contemporaneidade configura-se como um espaço de agregação, um ambiente de segurança, reconhecimento e resistência para corpos racializados (Souto, 2020; Meirinho, 2021) -, surge como instrumento ideológico e tem provocado rupturas, além de criar espaços para o fortalecimento de estéticas decoloniais produzidas pelos indivíduos desses grupos subalternizados (Nascimento, 1985; Meirinho, 2021), como é o caso do coletivo de fotógrafas negras Favelagrafia, o qual pode ser entendido como um aquilombamento artístico visual contemporâneo.

Diante disso, a busca por visibilidade é ainda mais fortalecida em sistemas de aquilombamentos virtuais midiáticos, como defende Alice Andrade (2023), onde os indivíduos negros se organizam em um novo modo social de organização - como a presença dos coletivos de fotógrafas negras na Internet



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



como uma fuga da representação tradicional de seus corpos, propondo uma nova forma de vivência e olhares próprios. O aquilombamento virtual midiático, possibilita “aos sujeitos negros a produção de narrativas não-subalternizantes sobre o seu povo” (Andrade, 2023, p. 116). Com isso, demarcam a atuação, a relevância, a potência e o ativismo da negritude nas comunidades periféricas, fortalecendo a identidade cultural e promovendo novos espaços de representação para os corpos negros na sociedade.

Propõe-se, a partir desse na organização social, um lugar de produção cultural que também é um “terreno de embates, negociações e deslocamentos, território de disputas simbólicas no qual são elaboradas epistemes diversas”, conforme afirma Souto (2020, p. 134). No contexto pós-colonial, segundo Hall (2003), ocorre a multiplicação de narrativas e temporalidades, insere-se como insurgente os deslocamentos do centro e da periferia, indo de encontro a qualquer pensamento universalizante (Souto, 2020). Há uma ruptura que abre uma enorme fronteira entre hegemonias e subalternidades.

Dessa forma, entendemos o momento histórico em que vivemos como um lugar de construção de novos significados e de significados passados, como diria Souto (2020, p. 136) “um entre-lugar onde os efeitos de um passado colonial recente ainda perduram e se desdobram, ao mesmo tempo em que coexistem com formas emergentes de existir no mundo”. É também um espaço de negociações, onde as pessoas inseridas nesse “entre-lugar” buscam afirmação das suas identidades culturais e lutam por reconhecimento de suas negritudes, como uma possibilidade de recriar existências dentro de um espaço social racista e segregador.

Figura 3 - Crianças observando pipas.



Fonte: Fotógrafo Bruno Itan

Assim, a partir dos seus olhares e não do olhar do outro - o outro colonizador - os artistas visuais dos coletivos de fotógrafos negres da periferia encontram caminhos de representação, reafirmando a cultura negra como parte da identidade cultural do povo brasileiro, longe de ser hegemônica e unificada, mas que demonstra sua pluralidade a partir dos esforços coletivos e individuais em busca de representatividade e da construção e fortalecimento de suas culturas (Fanon, 2008; Hall, 2003; 2016). E é nesse lugar de produção de sentido sobre suas vivências através do olhar fotográfico, que surgem e se organizam os coletivos, como um espaço onde aquilombar-se é estratégia de sobrevivência e representação de suas existências na sociedade contemporânea, assim como uma forma de espacialização da potência que é ser favela.

CONSIDERAÇÕES

Como afirma Souza (2021, p. 46), por muito tempo “(...) o negro tomou o branco como modelo de identificação, como única possibilidade de tornar-se gente”, em vista disso, buscou-se a aproximação com o padrão hegemônico, no



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



entanto, cada vez mais movimentos tentam resgatar a representação dos povos negros a partir de suas vivências, experiências, arte, cultura e história como forma de resistir à opressão e a negação de suas negritudes. Diante do exposto neste artigo, fica evidente que os coletivos de fotógrafos negros propõem formas de existência através da imagem fotográfica, contribuindo para o fortalecimento de uma representação positiva (Rodrigues, 2020) dos indivíduos negros na sociedade, a partir do lugar em que vivem e das práticas políticas e artísticas presentes nos seus cotidianos, fortalecendo a identidade das periferias a partir de uma negritude resgatada de suas origens históricas e culturais, contribuindo para uma representação que permite autonomia para tornar-se negro e ocupar os espaços sociais com novas formas de organização.

Dessa forma, construir um novo olhar sobre a favela a partir da fotografia contemporânea revela um importante posicionamento político - que tem a resistência e o aquilombamento (Nascimento, 1985; Souto, 2020; Meirinho, 2021) como norte na luta pela representação e afirmação da negritude na sociedade brasileira, a qual foi erguida em bases racistas que reverberam até hoje a estética branca dos colonizadores e, como consequência, contribuem para o reforço da representação visual negativa dos povos negros e o ideal de branquidão, responsável por oprimir negros e negras ao longo da história de suas existências (Souza, 2021). Estamos construindo uma tese de que a fotografia contemporânea permite aos coletivos de fotógrafos negros propor novas formas de existência através das imagens, utilizando a representação de dentro - através dos olhares negros e periféricos - como ferramenta para propor uma nova imagem da negritude.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Alice Oliveira de. **Aquilombamento virtual midiático**: uma proposta teórico-metodológica para o estudo das mídias negras. Orientador: Maria do Socorro Furtado Veloso. 2023. 341f. Tese (Doutorado em Estudos da Mídia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



AZOULAY, Ariella Aïsha. Toward the Abolition of Photography's Imperial Rights. In: COLEMAN, Kevin; JAMES, Daniel (org.). **Capitalism and the Camera: Essays on Photography and Extraction**. Verso Books, 2021.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. Convergências entre intelectuais do Atlântico Negro: Guerreiro Ramos, Frantz Fanon e Du Bois. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico** / Organização de Joaze Bernardino-Costa; Nelson Maldonado-Torres; Ramón Grosfoguel. 2. ed., 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

COSTA, Jurandir Freire. Prefácio à edição original. In: SOUZA, Neusa Santos. **Torna-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

MENDES GUILHERME, Andrielle Cristina Moura. **Comunicadoras indígenas e a de(s)colonização das imagens**. Tese (doutorado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2022. Orientador: Prof. O Dr. Juciano de Sousa Lacerda.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio - Apicuri, 2016.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. **Comunicação & Cultura**, n. 1, p. 21-35, 2006.

KILOMBA, G. Ilusões Vol. I Narciso e Eco. In: **Grada Kilomba: Desobediências Poéticas**. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2019.

KOSSOY, Boris; CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O olhar europeu: o negro na iconografia brasileira do século XIX**. Edusp, 1994.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê editorial, 2001.

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2016.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. 2. ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: ,Cobogó, 2021.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: Estética e política**. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2020.

RODRIGUES, Anthony. **O “novo” olhar opositor da/o artista negra/o**: indo além das crises de representação e discursividade. Horizontes ao Sul, 2020. Disponível em: <https://www.horizontesaosul.com/single-post/2020/02/11/onovo-olhar-opositor-dao-artista-negrao-indo-alm-das-crises-de-representaco-e-discursivid> . Acesso em 24 fev. 2023.

SOUTO, Stéfane Silva de Souza. Aquilombar-se: insurgências negras na gestão cultural contemporânea. **Metamorphose**, Salvador, v. 4, n. 4, p. 133-144, 2020.

SOUZA, Neusa Santos. **Torna-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.